



Pós-pandemia: “Saúde de todo mundo, de todos os povos, sem distinção e sem privilégio.” Entrevista com Luciana Alleluia

ID Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior

Mestre em Psicologia (UFSM)
Doutorando – PPGPSI/Unesp
paulo_juniorpio@hotmail.com

ID Luciana Silvério Alleluia Higino da Silva

Doutora em Ciências da Saúde (UFF)
Pesquisadora pela Fiocruz Ceará
luciana.silverio@fiocruz.br

Resumo: Entrevistamos Luciana Alleluia, mulher negra, mãe e pesquisadora pela Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará, num bate-papo descontraído e cheio de contestações e inquietações. Falamos sobre a saúde mental e tantas outras interseccionalidades presentes, convidando os leitores a refletirem criticamente não somente pelo período pandêmico, mas pelo momento que vivemos.

Palavras-chave: Conversas pandêmicas; Velhos desafios; Saúde pública.

Apresentação

Estamos tão orgulhosos com a produção deste dossiê, que ficou impossível não convidar pessoas/pesquisadoras queridas para estarem conosco. A discussão aqui é ampla e cheia de intersecções. Isso é a ciência! Não uma ciência branca, eurocêntrica e masculina, mas uma ciência popular e cheia de diversidade.

Afinal de contas, se não tratarmos por essa perspectiva, será difícil reconhecer o mundo a nossa volta. Pensando nisso, dialogamos com uma pesquisadora cheia não só de conhecimentos científicos, mas com saberes que vão para além da academia, mas que chega nos territórios de tantos espaços e lugares desse Brasil.

Convidamos a pesquisadora da Fiocruz Ceará, Luciana Alleluia, para dialogar um pouco com a gente sobre a pandemia de Covid-19 e pensar para além dela. E sobre quais resquícios ainda se faz presente em tantos espaços, ainda que pareça estar “fora de moda” falar sobre isso em pleno 2025. O bate papo foi super interessante e faz a gente, enquanto leitores, dialogar e perceber sobre tantas outras coisas. O debate abarcou de tudo um pouco, mas a grande questão adveio do tópico sobre saúde mental, uma discussão que se faz bastante presente na atualidade. Contudo, uma coisa acabou levando a outra. Foi impossível não falar de direitos humanos, saúde pública no Brasil, questões de gênero, raça e sobretudo classe. Todas essas questões fazem parte desse grande novelo chamado pandemia e a qual dilacerou a vida de tantas pessoas e em tantos aspectos.

Convidamos vocês não apenas a ler esta entrevista, mas a pensar criticamente sobre os pontos que Luciana nos convida a refletir. Uma mulher negra, pesquisadora e que busca uma ciência que seja cada vez mais próxima das pessoas e de suas realidades.

Zabelê: Luciana, como você percebe o debate sobre a saúde mental no cotidiano?

Luciana Alleluia: O debate sobre saúde mental tem avançado, embora ainda precisa de muitas coisas para seguir em mais espaços e locais. Mas, ainda é notório pensar em saúde mental no formato de doença, transtorno e em questões de diagnóstico. Isso ainda é muito presente. Mas, pensar em saúde mental é você pensar numa perspectiva mais ampliada, para além de uma questão de saúde e doença. É pensar nas condições sociais, econômicas e políticas que interferem na vida da pessoa e consequentemente na saúde mental. É tentar compreender o que acontece na sociedade, as questões de violência, desigualdades, iniquidades étnico-raciais, sociais, econômicas e tantas outras. Não esquecer além disso da religião, do gênero e tantas outras que circulam a vida enquanto humanidade.

Zabelê: Em quais graus e situações a pandemia de COVID-19 influenciou a saúde mental humana?

Luciana Alleluia: Influenciou de forma totalmente, pois por conta dessa pandemia passamos a pensar a saúde mental para além de uma questão de doença. A dificuldade de manter as relações afetivas, sociais, pois elas tiveram e ficaram muito prejudicadas. Isso teve um impacto muito grande. As gente têm falado da questão econômica e muitas pessoas precisaram e não puderam trabalhar. Outras tiveram que trabalhar de qualquer maneira, porque eram necessários para sustentar sua vida, para comer, vestir e tantas outras coisas. E essas mesmas pessoas precisaram se colocar em risco, e isso teve um impacto sobre nossa saúde mental. Eu penso que tiveram graus e situações diversas que impactaram todos, todas e todes, ninguém passou ileso. Claro que a gente sabe que alguns grupos ficaram mais vulnerabilizados em relação a outros, porque por exemplo, questão de moradia, as pessoas economicamente favoráveis moravam em lugares, espaços grandes, podiam de certa forma manter um distanciamento que outros lugares isso não era possível. Assim, eu penso que atingiu em graus diferentes, mas atingiu a todos e a diferença passou muito pela questão socioeconômica política.

Zabelê: Quais as maiores diferenças você percebeu no panorama da saúde mental no cenário pós pandemia?

Luciana Alleluia: Depois de uma pandemia a gente de fato não vai sair igual. O impacto ainda é muito vivo na vida, principalmente das pessoas que são mais vulnerabilizadas pelas questões ambientais, sociais, econômicas. Ainda é grande o impacto sobre vida dessas pessoas. As desigualdades aumentaram, as iniquidades também, então a gente sabe que algumas pessoas continuam com condições de trabalho muito ruins. Isso aumentou e tem um impacto, pois não tem como a gente fugir dessas consequências e que são direcionadas a saúde mental das pessoas, fazendo o pós pandemia ainda estar muito presente. Estamos vivendo alguns momentos que tem a ver com as emergências climáticas, o impacto na vida das pessoas e isso tem influenciado muito a saúde mental, mas em especial das pessoas que precisam do clima para viver como por exemplo, as pessoas que trabalham com a agricultura principalmente familiar, mas não estou falando do agronegócio. Então, o impacto está presente sobretudo na vida delas e acredito ser demorada a recuperação.

Zabelê: Quais alternativas de políticas públicas seriam necessárias e eficazes para o cuidado em saúde mental pós pandemia?

Luciana Alleluia: Pensando na perspectiva da equidade, a gente precisa garantir que todas, todos e todes tenham acesso ao serviço de saúde mental e consequentemente políticas públicas de saúde, educação e assistência, para que elas estejam em todos os territórios. Essa é uma grande dificuldade que se observa na atualidade. Tem lugares onde possuem uma grande concentração de serviços, profissionais, recursos humanos e outras são desfavorecidas. Isso fala de uma desigualdade e Brasil de uma extensão gigantesca, onde existem diferenças a depender da região. Umas são mais urbanas, já outras rurais, das quais ainda a gente tem muita dificuldade de poder entender e compreender essas necessidades e de fato responder a cada desafio. A estrutura do SUS, embora seja pensada em uma perspectiva democrática, foi constituída ainda muito alicerçada em saberes euro-americanos e isso dificulta muito, porque o Brasil tem diversidade. A nossa mestiçagem faz com que a gente tenha que construir possibilidades que respondam a uma demanda diferente da branca, cisgênera, heteronormativa, cristã e afins. Se faz necessário, portanto, revistar e rescrever para que de fato exista um cuidado que seja mais próximo de cada necessidade.

Zabelê: Como você reflete o trabalho da Fiocruz dentro do processo de cuidado em saúde mental da população brasileira?

Luciana Alleluia: Considerando que a instituição é uma unidade de pesquisa, eu penso que ainda são muitos tímidos os estudos que envolvem saúde mental, embora tenhamos algumas, mas vejo poucas em relação a outras temáticas. A Fiocruz precisa entender a saúde mental como algo transversal do humano, que envolve uma complexidade de ações para além de alguém estar doente. É entender a saúde mental como um conceito ampliado das coisas e dos elementos que se constituem como emprego, renda, lazer, esporte, cultura, ambiente e tantas outras condições que interferem na vida de uma pessoa.

Zabelê: Quais alternativas você acredita que são eficazes na promoção do bem-estar psíquico?

Luciana Alleluia: Acredito que isso tem muito a ver com o debate que estamos construindo anteriormente. É sobre isso. De se pensar bem-estar, bem viver, como uma alternativa de cuidado em saúde mental. São os elementos como saúde, esporte, amor, moradia, afeto, questões econômicas, ecológicas, agroecológicas, climáticas, enfim. Todas elas vão ter uma relação com a saúde mental. Não é possível ter saúde mental em condições inóspitas em todas as perspectivas, então por isso eu penso que as alternativas são políticas e que respondam e deem conta dessas demandas numa perspectiva ampliada e subjetiva de territórios.

Zabelê: Quais os desafios que o SUS enfrenta, na sua percepção, no que tange a promoção de cuidado em saúde mental no sistema de saúde pública brasileira?

Luciana Alleluia: Entendendo o SUS e as suas diretrizes se faz necessário considerar, por exemplo, do ponto de vista da universalidade. A saúde precisa dialogar com outras perspectivas de mundo. Não dá para pensar em um SUS que veja a universalidade dentro apenas de um sistema cisgênero, branco, heteronormativo e cristão. Ele precisa ampliar. Ser universal não é só dessa perspectiva. Ser universal é poder trabalhar as questões dos povos indígenas, afrodescendentes, ciganos, pessoas do campo, das águas e das florestas, incluindo ribeirinhos, marisqueiras e tantas outras pessoas. Porque, o universal que o SUS trabalha é a partir de uma universalidade que, embora diga para todos, as leituras de mundo e prática cotidiana ainda são muito euro-americanas. É preciso dialogar numa universalidade que amplie e que se amplie. Pensando do ponto de vista, por exemplo, da equidade, a mesma é tratada de diferentes formas diferentes. A população brasileira se constitui de uma mestiçagem, de uma diferença de povos, e essas discussões precisam ser construídas para a equidade. É tratar de diferentes formas e de maneiras distintas, porque não adianta pensar a saúde mental numa perspectiva europeia e eurocentrada se eu tenho povos e perspectivas de mundos diferentes. E por último, a questão da integralidade. O sujeito é inteiro, então ele é inteiro em toda a sua construção e, portanto, tem culturas, histórias e territórios diversos. Precisamos trabalhar essa integralidade contextualizando essa diversidade. Em termos de saúde pública, não é possível que, até mesmo considerando em saúde da família, ela só tenha essa formação do SUS, e que se observa ainda hoje, voltada para um modelo eurocentrado. Precisamos também cuidar da saúde pública, da estratégia da família, da saúde coletiva, visando trabalhar essas diferentes formas de ser e de estar no mundo.

Zabelê: Qual panorama futuro você acredita que será vivenciado na saúde mental pós pandemia?

Luciana Alleluia: Eu acredito e aqui eu desejo que a gente possa dirimir essas iniquidades, onde possamos trabalhar rompendo essa estrutura capitalista que constitui modelos que excluem uns em detrimento a outros. Eu penso que pós-pandemia a gente vai precisar cuidar da terra, da água, do fogo e do ar. Precisamos zelar por esses quatro elementos que estão no mundo mal equacionados e isso tem gerado para o mundo um impacto muito ruim. E aí, as consequências disso são sofridas cotidianamente. A pandemia de Covid-19 e o pós-pandêmico fez entender da necessidade de cuidar dos quatro elementos, de poder harmonizar a terra, as pessoas, a relação do ecossistema, de modo que se consiga trabalhar de forma mais harmônica com os elementos e com as

peessoas. Assim, é possível garantir saúde, para garantir saúde mental, alimento e vida plena e digna. Portanto, eu penso da urgência de se trabalhar nesses pontos, cuidando para garantir a saúde mental, a saúde de todo mundo, de todos os povos, sem distinção e sem privilégio.